



DACEC

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUÍ**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 23/02/2018 a 01/03/2018

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²

¹ Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, bacharel em economia pela UNIJUÍ, Tecnóloga em Processos

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
23/02/2018	10,36	375,50	32,36	4,52	3,66
26/02/2018	10,34	377,20	32,62	4,59	3,68
27/02/2018	10,38	386,50	32,19	4,63	3,70
28/02/2018	10,45	394,20	31,96	4,84	3,74
01/03/2018	10,57	394,00	32,12	5,05	3,78
Média	10,42	385,48	32,25	4,73	3,71

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

Médias semanais (compra e venda) no mercado de lotes brasileiro - em praças selecionadas (em R\$/Saco)

SOJA	Média*	Var. % relação média anterior
RS - Passo Fundo	73,55	2,51
RS - Santa Rosa	73,05	2,53
RS - Ijuí	73,05	2,53
PR - Cascavel	70,30	1,37
MT - Rondonópolis	67,00	0,60
MS - Ponta Porá	67,10	1,39
GO - Rio Verde (CIF)	67,80	1,80
BA - Barreiras (CIF)	66,40	1,07
MILHO		
Argentina (FOB)**	178,40	0,79
Paraguai (FOB)**	137,50	0,00
Paraguai (CIF)**	167,50	0,90
RS - Erechim	33,70	3,06
SC - Chapecó	34,00	3,66
PR - Cascavel	30,00	2,04
PR - Maringá	30,00	2,56
MT - Rondonópolis	22,50	2,04
MS - Dourados	26,70	7,66
SP - Mogiana	35,40	5,99
SP - Campinas (CIF)	38,55	5,91
GO - Goiânia	31,50	5,35
MG - Uberlândia	32,60	3,62
TRIGO (***)		
RS - Carazinho	545,00	0,00
RS - Santa Rosa	545,00	0,00
PR - Maringá	700,00	0,00
PR - Cascavel	675,00	0,00

Período entre 23/02/2018 a 01/03/18

ND = Não Disponível.

(*) Valor de compra no dia 04/10/2017.

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. ** Preço

médio em US\$/tonelada. *** Em reais por tonelada

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 01/03/2018

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	27,76	66,78	29,80

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER-RS.

Preços de outros produtos no RS

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 01/03/2018

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	35,52
Feijão (saco 60 Kg)	128,18
Sorgo (saco 60 Kg)	20,13
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,18
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	0,93
Boi gordo (Kg vivo)*	4,88

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago continuaram subindo nesta semana, fechando a quinta-feira (01/03) em US\$ 10,57/bushel, após US\$ 10,32 uma semana antes. A média de fevereiro fechou em US\$ 10,13/bushel, contra US\$ 9,71 em janeiro e US\$ 10,29 em fevereiro de 2017. Portanto, neste momento, Chicago retornou aos níveis de um ano atrás e até os superou um pouco. Vale destacar que o farelo de soja atingiu a US\$ 394,00/tonelada curta neste dia 1º de março. Um ano antes ele valia US\$ 335,10. Portanto, há um ganho de 17,6% nesta comparação ponta à ponta.

O motivo principal desta firmeza continua sendo a seca na Argentina. Ao mesmo tempo, o Fórum Outlook, promovido pelo USDA no final de fevereiro, surpreendeu um pouco o mercado ao indicar uma redução de 0,1% na área a ser semeada com soja nos EUA nesta nova safra. O mercado espera um aumento de área, embora de pouca expressividade. Por enquanto, a área projetada fica em 36,42 milhões de hectares. Entretanto, como já destacado neste espaço, o principal relatório, que definirá o quadro de plantio, será anunciado em 29/03, quando da intenção de plantio dos produtores estadunidenses.

Quanto a seca na Argentina, algumas projeções privadas locais já apontam a possibilidade de uma colheita de apenas 41 a 44 milhões de toneladas caso a falta de chuvas persista nas próximas semanas. Em termos oficiais, por enquanto, a safra está sendo indicada em 47 milhões de toneladas, com recuo de 10 milhões em relação ao ano passado. O que mais preocupa neste cenário é que a meteorologia argentina indica continuidade do clima seco para março e abril, com o evento de chuvas muito isoladas e irregulares sobre a região de produção.

Dito isso, dois alertas se fazem necessários, os quais podem reverter a tendência de alta em Chicago a partir de meados de março. Além de um eventual retorno das chuvas na Argentina, os operadores ficarão, a partir da segunda quinzena de março, mais concentrados nos indicativos de plantio nos EUA e no comportamento climático neste país. Se a área com soja aumentar Chicago poderá ceder. O segundo elemento vem do comportamento dos Fundos. Até este momento os mesmos estão “muito comprados”, fato que deverá resultar em mudança de posicionamento em algum momento de março, puxando para baixo Chicago. Obviamente, a intensidade de tal reversão dependerá de uma série de fatores, sendo o principal a realidade climática na Argentina e, logo mais, nos EUA.

Por outro lado, analistas privados indicam que a safra brasileira possa atingir a 117,5 milhões de toneladas, contra 111,6 milhões esperadas pela Conab. Mesmo assim, em termos de América do Sul, a melhoria nos números brasileiros ainda não compensa as perdas previstas na Argentina.

Vale ainda destacar que a alta dos preços em Chicago tira competitividade do produto estadunidense no mercado mundial, fato que reduz as exportações locais. Portanto, tais altas têm limites. Neste sentido, as exportações líquidas de soja por parte dos EUA, no ano comercial 2017/18, iniciado em 1º de setembro passado, acabaram sendo negativas (embarques não confirmados foram superiores ao realmente embarcado) em 109.100 toneladas na semana encerrada em 15/02. Este foi o menor nível no atual ano comercial.

Já na Argentina, a comercialização da safra de soja 2016/17, até 14/02, atingia a 80% da produção do país.

Quanto ao Brasil, os preços internos subiram novamente, puxados por Chicago e pela manutenção de um câmbio ao redor de R\$ 3,25 por dólar em termos médios semanais. Assim, o balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 66,78/saco, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 73,00 e R\$ 73,50/saco. O CIF Rio Grande atingiu a R\$ 78,00/saco na compra. Nas demais praças nacionais os lotes giraram nos seguintes preços: R\$ 61,50/saco em Sorriso (MT); R\$ 72,00 no norte do Paraná; R\$ 63,00 em São Gabriel (MS); R\$ 66,00 em Goiatuba (GO); R\$ 67,50 em Pedro Afonso (TO); R\$ 69,50 em Uruçuí (PI); R\$ 76,00/saco em Abelardo Luz (SC).

Diante da recuperação dos preços houve rumores de fortes negociações de soja no interior brasileiro. Somente no dia 28/02 mais de 300.000 toneladas teriam sido negociadas (cf. Safras & Mercado). De fato, os produtores brasileiros devem aproveitar esta nova janela favorável à comercialização da oleaginosa, após 12 meses de preços estagnados e mesmo em baixa.

Quanto a colheita da atual safra, a mesma continua atrasada. No Paraná, por exemplo, a mesma chegou a 27% da área até o dia 26/02, contra 56% na mesma época do ano anterior. No Brasil a mesma girava entre 20% e 25% em 23/02, contra 34% no ano passado e 30% na média histórica.

Abaixo seguem os gráficos da variação de preços da soja e seus derivados no período de 08/02/2018 a 01/03/2018.

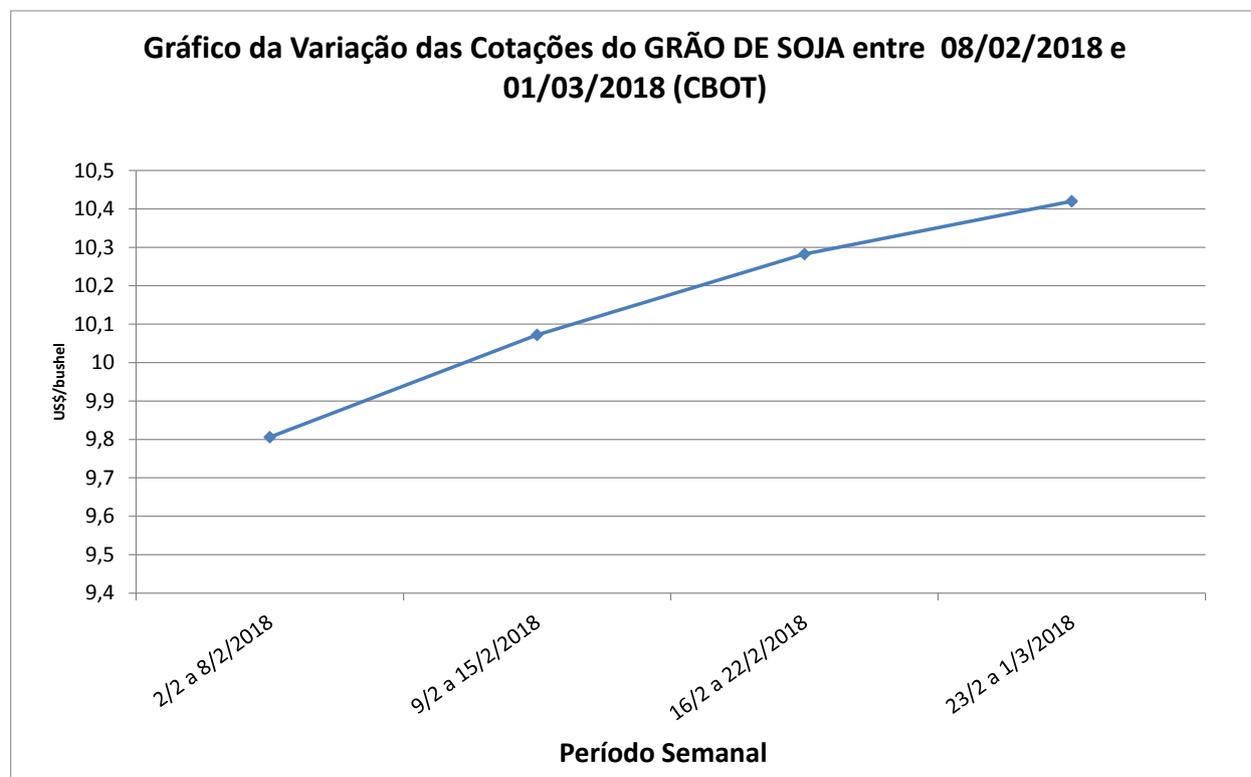


Gráfico da Variação das Cotações do FARELO DE SOJA entre 08/02 e 01/03/2018 (CBOT)

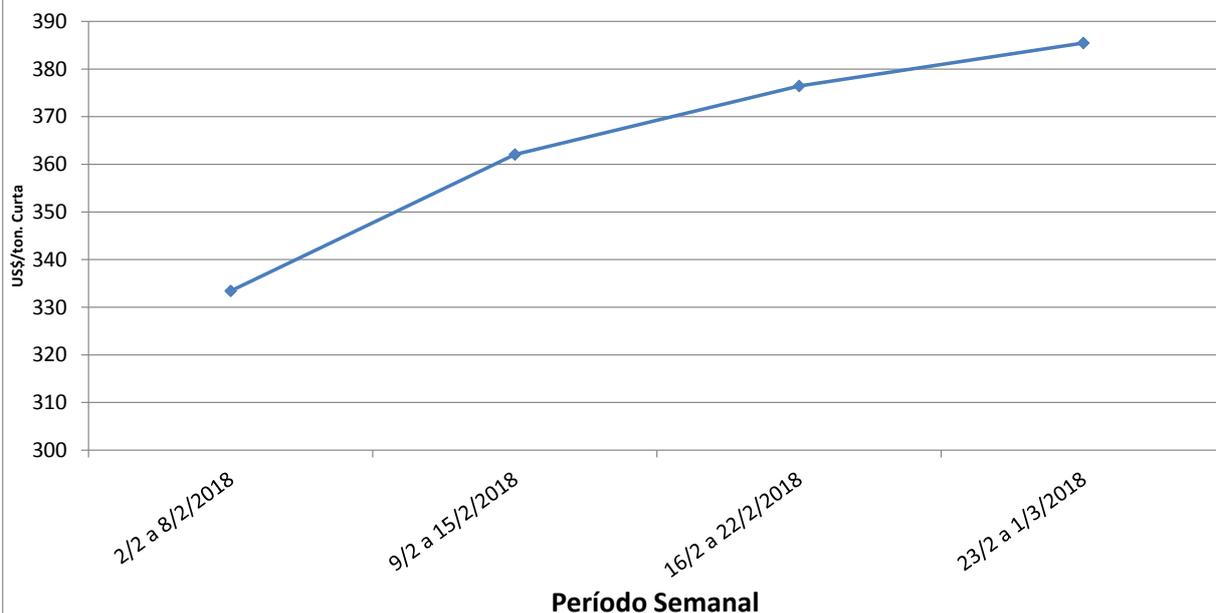
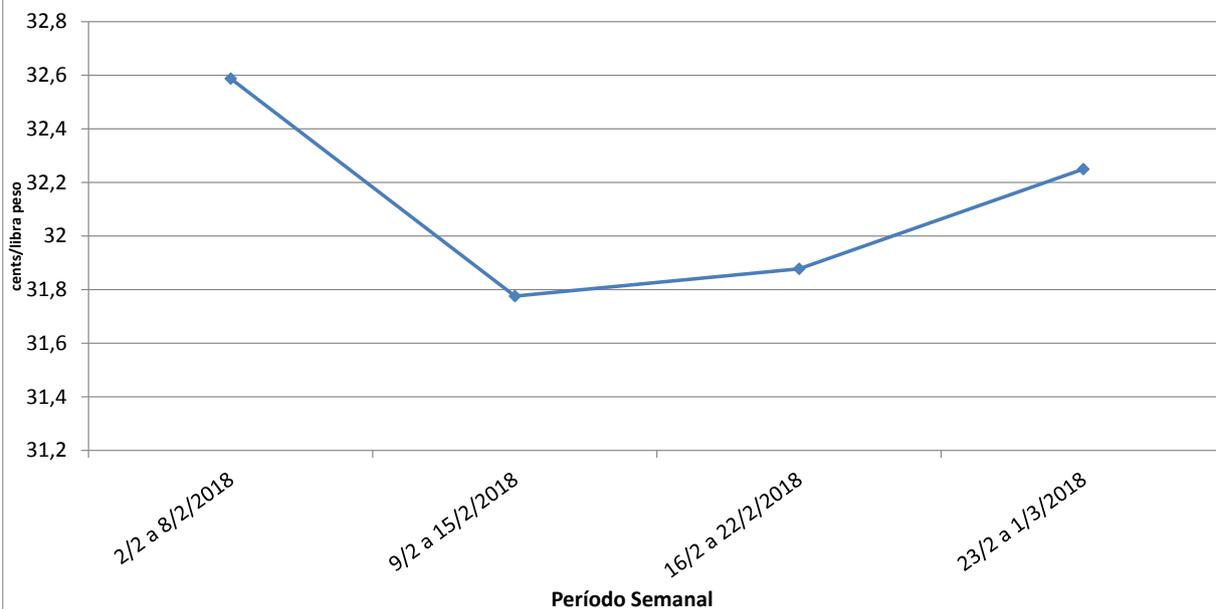


Gráfico da Variação das Cotações do ÓLEO DE SOJA entre 08/02 e 01/03/2018 (CBOT)



MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago finalmente começaram a reagir na esteira da soja. O fechamento desta quinta-feira (01/03) ficou em US\$ 3,78/bushel, contra US\$ 3,66 uma semana atrás. A média de fevereiro ficou em US\$ 3,66/saco, contra US\$ 3,52 em janeiro e US\$ 3,69/saco em fevereiro de 2017.

E a reação se deve ao quadro climático na Argentina, onde informações locais dão conta de que pelo menos 4 milhões de toneladas de milho já estariam perdidas. Além disso, no dia 08/03 teremos mais um relatório de oferta e demanda do USDA, o qual deverá rever as projeções de safra para a Argentina, assim como para o Brasil, onde a produção será menor por motivos já conhecidos (forte redução na área semeada e clima ruim em algumas regiões).

Neste momento, a safra Argentina está projetada em 35 milhões de toneladas, contra 39 milhões inicialmente previsto. A colheita no vizinho país teria atingido a 2% da área no início da corrente semana, com a produtividade média abaixo do esperado. Contrariamente ao Brasil, os argentinos aumentaram a área semeada com milho neste ano de 2017/18, com a mesma atingindo a 5,4 milhões de hectares (+5,9% sobre o ano passado).

As altas em Chicago encontraram apoio igualmente no desempenho das exportações estadunidenses de milho. Para o ano comercial 2017/18, iniciado em 1º de setembro passado, na semana encerrada em 15/02, o volume exportado ficou em 1,55 milhão de toneladas, ficando 12% abaixo da média das quatro semanas anteriores. Para o ano 2018/19 o volume atingiu a 65.500 toneladas. Mesmo assim, no somatório dos dois anos, o volume ficou dentro das expectativas do mercado que eram de vendas entre um milhão e 2,05 milhões de toneladas.

Paralelamente, surgiu a notícia de que a África do Sul igualmente enfrenta problemas com uma severa seca, a qual reduziria a produção de milho para 12,2 milhões de toneladas, ou seja, 27% abaixo do registrado no ano anterior.

Diante disso, na Argentina a tonelada FOB iniciou o mês de março em alta, atingindo a US\$ 182,00, enquanto no Paraguai a mesma ficou em US\$ 137,50.

Aqui no Brasil o mercado aqueceu de uma maneira mais geral. Enquanto o Sul e o Centro-Oeste apenas agora iniciaram um processo de alta em seus preços, no Sudeste, e especialmente em São Paulo, os preços do milho continuaram subindo.

Assim, o balcão gaúcho fechou a semana em R\$ 27,76/saco, enquanto os lotes subiram para valores entre R\$ 33,50 e R\$ 34,50/saco. Nas demais praças nacionais os lotes de milho oscilaram entre R\$ 18,00/saco em Sorriso, Campo Novo do Parecis e Sapezal (MT) e R\$ 35,50/saco nas regiões catarinenses de Videira e Campos Novos. Já no mercado físico paulista o quadro é de dificuldades para os consumidores do cereal, pois quem possui milho está segurando o produto, ao mesmo tempo que a alta no preço dos fretes inviabiliza a entrada de milho de outros Estados. Soma-se a isso as chuvas que estão atrasando a colheita de verão em muitas regiões do país.

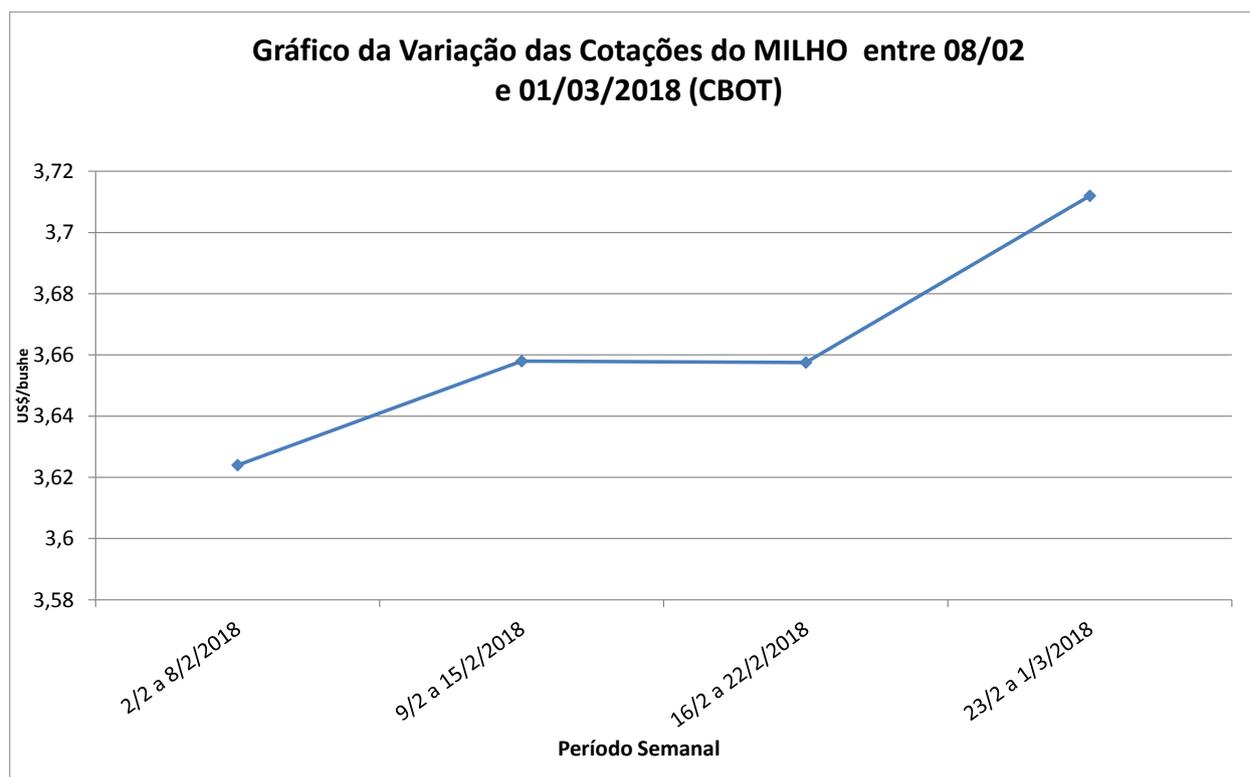
Neste contexto, a semana terminou com a Sorocabana paulista registrando ofertas a R\$ 36,00/saco, enquanto o referencial Campinas atingiu a R\$ 40,00-R\$ 40,50/saco no CIF. Por enquanto não houve negócios a estes preços, porém, o curto estoque existente pode pressionar o mercado a aceitá-los rapidamente.

Dito isso, a segunda safra brasileira de milho (safrinha) foi reduzida em sua projeção, estando agora em 59,5 milhões de toneladas, contra 67,4 milhões um ano antes. O plantio desta safrinha chegava, até o dia 23/02, a 46% no Centro-Sul brasileiro, contra 58% em igual momento do ano passado. Em termos de área semeada, novas estimativas indicam 10,8 milhões de hectares, ou seja, 6,1% a menos do que o ano anterior (cf. Safras & Mercado).

Quanto a safra de verão, a colheita da mesma chegava a 29% da área semeada no dia 23/02, contra 31% um ano antes nesta época. O Rio Grande do Sul havia colhido 64% de sua área, São Paulo 48%, Santa Catarina 38% e Paraná 18%. Os principais atrasos na colheita se localizam em Goiás/DF, Minas Gerais, Paraná e Mato Grosso. Vale destacar que a área semeada com o milho de verão foi revista para cima e teria atingido a 4,1 milhões de hectares. Isso significa que a mesma se reduziu em 22,9% em relação ao ano anterior e não em 27,7% como estava sendo indicado até a semana passada (cf. Safras & Mercado).

Em termos de produção total, a Conab estima que o Brasil alcançará 88 milhões de toneladas neste ano (24,7 milhões no verão e 63,3 milhões na segunda safra), contra 97,8 milhões no ano anterior. Já Safras & Mercado avança um volume total produzido de 89,5 milhões de toneladas, com um consumo interno de 63,3 milhões e exportações totais de 30 milhões de toneladas. Com isso, os estoques finais em 2018 ficariam em 18,7 milhões de toneladas, contra 22,5 milhões em 2017.

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do milho no período entre 08/02/2018 a 01/03/2018.



MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago dispararam nesta virada de mês de fevereiro para março, fechando o dia 01/03 em US\$ 5,05/bushel, valor que não era visto desde meados de julho de 2017. A média de fevereiro ficou em US\$ 4,56/bushel, contra US\$ 4,32 em janeiro e US\$ 4,37/bushel em fevereiro/17.

Diferentes fatores ajudaram nesta elevação de final de mês. Em primeiro lugar, segundo o Fórum Outlook do USDA, a nova área semeada com o cereal, nos EUA, crescerá apenas 1%, ficando em 18,8 milhões de hectares, sendo insuficiente para recuperar a baixa produção da última colheita. Em segundo lugar, as exportações de trigo estadunidense estão, agora, dentro do esperado pelo mercado. Enfim, e ponto mais importante, o clima seco nas regiões produtoras estadunidenses passou a fazer mais pressão sobre o mercado. As condições das lavouras de inverno pioraram sensivelmente em fevereiro na maior parte da região produtora, inclusive no Kansas, maior Estado produtor de trigo nos EUA.

No Mercosul, a tonelada FOB para exportação fechou a semana entre US\$ 180,00 e US\$ 192,00 na compra.

Já no Brasil os preços permaneceram estáveis. O balcão gaúcho fechou a semana em R\$ 29,80/saco, enquanto os lotes se mantiveram em R\$ 31,80/saco. Nas demais praças nacionais os lotes oscilaram entre R\$ 39,60 e R\$ 41,40/saco no Paraná e a R\$ 35,40/saco em Santa Catarina. Quanto aos preços de balcão, os mesmos se mativeram entre R\$ 34,00 e R\$ 35,00/saco no Paraná e entre R\$ 32,00 e R\$ 33,00/saco em Santa Catarina.

Na prática, o mercado interno mantém uma tendência de estagnação, com pouca movimentação diante da baixa liquidez. Isso porque a pressão externa se mantém firme, com os preços ainda mais competitivos do que os praticados internamente. A incógnita passa a ser esta recente alta em Chicago e o tempo de sua duração. Mesmo assim, em o câmbio se mantendo nos atuais níveis as importações de trigo oriundas da Argentina se manterão atrativas.

Hoje, se a oferta nacional de trigo quiser vender, terá que ceder aos preços oferecidos pelos compradores locais, os quais estão baixos diante do interesse vendedor.

Espera-se que passada a safra de verão no Brasil as condições possam melhorar um pouco para o trigo nacional já que a última safra foi muito frustrada, não havendo praticamente volumes importantes de produto de qualidade superior. Além disso, não se descarta futuramente uma desvalorização cambial em função das eleições presidenciais em nosso país.

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do trigo no período entre 08/02/2018 a 01/03/2018.

